

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
NA GRAPHIC NOVEL “ARVORADA”, DE ORLANDELI

Ana Carolina de Deus (UEMS/UUCG)

anacarol2@hotmail.com

Marly Custódio da Silva (UEMS/UUCG)

mcsilva05@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa sobre a variação linguística encontrada na *Graphic Novel* “Arvorada”, de Waldir Americo Orlandeli. Para abordar a gramática na evolução dos estudos linguísticos, a base teórica será Mário Alberto Perini (2000). Quanto ao preconceito linguístico, tomaremos como aporte teórico Maria Marta Pereira Scherre (2005) para dialogar com as variações dialetais e, em especial ao dialeto caipira encontrados na *Graphic Novel* “Arvorada”, bem como Fernando Tarallo (1986) para nos apoiar na pesquisa sociolinguística. Apresentaremos os exemplos da variação dialetal do campo com o personagem estereotipado Chico Bento, relacionando de forma subjetiva com pessoas muitas das vezes não escolarizadas tendo o seu dialeto rotulado pelos ditos letrados como sendo de menor importância e prestígio social, ou até mesmo com sentido pejorativo, na comunicação em sociedade. Elaboraremos um estudo abordando a forma de como a linguagem do campo é representada na *Graphic Novel* e seus efeitos de sentidos no uso da linguagem do dia a dia, possibilitando a desmistificação e expondo os possíveis resultados encontrados durante a pesquisa. Buscaremos apresentar também a evolução da língua, por meio dos metáforas selecionados na obra estudada, conforme referência teórica em Ismael de Lima Coutinho (1976) e José Pereira Silva (2010) e, se possível, apontar vocábulos que a gramática normativa nos dias atuais considera como erro, mas que em um passado não muito distante, possivelmente tenha sido considerada escrita de prestígio.

Palavras-chave: *Graphic Novel*. Linguística. Preconceito linguístico. Sociedade.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado dos estudos sobre a variação linguística encontrada na *Graphic Novel* “Arvorada”, de Waldir Americo Orlandeli. Teremos como aporte teórico Fernando Tarallo (1986) que explica o objetivo da sociolinguística, explicitando os métodos de pesquisa e quais caminhos percorremos durante a abordagem do trabalho. Maria Marta Pereira Scherre (2005), Mario Alberto Perini (2000), como aporte quanto ao preconceito linguístico existente nas variações dialetais e, em especial ao dialeto caipira estudado na *Graphic Novel* “Arvorada”. Apresentaremos a variação dialetal do campo, de pessoas muitas das vezes não escolarizadas tendo o seu dialeto rotulado pelos

ditos letrados como sendo de menor importância e prestígio social, ou até mesmo com sentido pejorativo, na comunicação em sociedade. Elaboraremos um estudo abordando a forma de como a linguagem do campo é representada na *Graphic Novel* e seus efeitos de sentidos no uso da linguagem do dia a dia, possibilitando a desmistificação e expondo os possíveis resultados encontrados durante a pesquisa. Buscaremos apresentar também a evolução da língua, conforme referência teórica em Ismael de Lima Coutinho (2005) e José Pereira Silva (2010) a partir dos estudos dos metaplasmos selecionados na *Graphic Novel* e apontando vocábulos que a gramática normativa nos dias atuais considera como erro, mas que em um passado recente, possivelmente tenha sido considerada escrita de prestígio.

O artigo se iniciou com a paixão pelos quadrinhos. A escolha da obra *Graphic Novel "Arvorada"*, de Walmir Americo Orlandeli motivou-se pela proximidade do falar "caipira" presente no meio familiar. A partir dessa vivência, nos propomos a abordar a variação do falar do homem do campo, passando brevemente pela história da língua portuguesa evidenciando os vocábulos selecionados e identificados com os metaplasmos ocorridos ao longo da evolução da língua e, tentando desmistificar o possível preconceito linguístico ainda existente neste dialeto.

O preconceito linguístico é silencioso e muitas das vezes imperceptível à sociedade. O falar caipira, na maioria das vezes e tido como falar engraçado, perante a gramática normativa, como erro, fato que também gera o preconceito, ignorado pela maioria da população brasileira, ocorrendo ao negar as variantes linguísticas presentes em diversas regiões do nosso país.

2. *Personagem estereotipado*

"O estereótipo é a [imagem] repetida, fora de toda a magia, de todo entusiasmo: como se fosse natural, como se por milagre, essa [imagem] que retorna, fosse, a cada vez, adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação. Imagem sem cerimônia que pretende a consistência e ignora sua própria insistência."* (BARTHES, 1987, p. 56)

Estereótipo é a imagem pré-preconcebida que pressupõe algo ou alguém. Estando diretamente relacionado ao preconceito. Manifestações culturais de uma determinada sociedade são representadas através de um personagem, exteriorizando a linguagem e cultura, podendo haver difi-

culdade na aceitação, mas sua inclusão não é impossível, sendo capaz de ocorrer aquisição cultural ou exclusão de um indivíduo em determinado contexto. (SCHERRE, 2005, p. 88 e 89)

O personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa, é representação do caipira brasileiro, de maneira estereotipada, porém em outras culturas também são encontrados similares homens do interior e do campo. O Chico Bento é uma montagem de características que Maurício viveu em sua infância e das do seu avô. Muitos dos traços apresentados na representação da fala caipira do personagem Chico Bento são, em verdade, traços brasileiros. O dialeto caipira é um dialeto da língua portuguesa falado no interior de algumas regiões do Brasil. Uma variedade linguística na maioria das vezes considerada um erro pelos ditos letrados, que se esquecem de que a nossa língua é viva e está em constante mutação e tem sua maior representatividade na região centro-oeste, sendo considerada na maioria das vezes uma fala “engraçada”, devido ao “r” retroflexo, e é uma característica de grande parte dos brasileiros em regiões distintas independentes. A rejeição do “r” retroflexo e do falar caipira é tão grande que muitas pessoas até mudam sua maneira de falar para serem aceitos em determinado grupo de classe social ou escolarização. Isso acontece por não haver lei para este preconceito, prestigiando algumas falas e estigmatizando outras. (SCHERRE, 2005). Com o personagem Chico Bento, um menino da roça, caipira, a representação da fala são traços linguísticos comuns ao uso do português brasileiro não só no campo, como também na cidade. Dessa maneira, assinala Marly Custódio da Silva (2016), que, possivelmente, é uma variação estigmatizada por pessoas escolarizadas, tendo o seu dialeto rotulado pelos ditos letrados como sendo de menor importância e prestígio social, ou, até mesmo, com sentido pejorativo, na comunicação em sociedade.

A seguir, explicitaremos as origens do personagem principal da *Graphic Novel* estudada.

3. *Origens do personagem Chico Bento*

Ao observar o homem da roça, mais especificadamente do interior de São Paulo, Maurício criou o personagem Chico Bento a partir de suas lembranças da infância, cujo nome do personagem foi em homenagem ao seu tio avô que não o conheceu, porém sempre ouvia histórias engraçadas de sua avó Dita, que também está representada nos quadrinhos. O Chico foi criado em 1961, estreando em 1963 na tira *Hiroshi e Zezinho*. Sendo

o Hiro e o Zé da Roça (Zezinho), mas sua primeira revista foi lançada em 1982. Chico era coadjuvante de Zé da Roça e Hiro. No início, seu visual era bem diferente, sendo considerado uma versão mirim do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. (Portal Turma da Mônica). Maurício assinala que quanto às conclusões dos pesquisadores sobre semelhanças do Chico com o Jeca Tatu, fica a critério desses mesmos pesquisadores. Ele nunca havia pensado em aproximar as duas imagens. (*Portal Turma da Mônica*). Mas essas conclusões talvez sejam provocadas pela origem dos dois personagens: Chico é uma montagem de características que vivenciou na infância, no Vale da Paraíba. O personagem Jeca Tatu é um personagem criado por Monteiro Lobato, a partir de observações que ele fazia de roceiros do mesmo Vale do Paraíba. Algumas características de hábitos, costumes, entre outros, são semelhantes.

Outros personagens que também estão presentes na *Graphic Novel* a ser analisada é o Zé Lelé, sendo o primo atrapalhado do Chico Bento, que estreou em 1974 na revista *Mônica* 52, da Editora Abril, a paqueta de Chico Bento, Rosinha, que estreou também com um visual diferente nas tiras de jornais, em 1964, e o destaque desta *Graphic Novel* que é a personagem inspirada na avó de Chico Bento, Vó Dita, que estreou em 1964 no “Suplemento Infantil” do *Diário de S. Paulo*. A seguir apresentaremos a obra *Arvorada*, de Walmir Americo Orlandeli a qual é o objeto de pesquisa.

4. *Arvorada, de Orlandeli*

Não linguista, Walmir Américo Orlandeli é cartunista, quadrinista, ilustrador e chargista formado no curso de publicidade e propaganda. Recebeu um convite para trabalhar com o Chico Bento, tendo que elaborar a sua própria história. Chico Bento já havia saído na terceira *Graphic Novel: Pavor Espaciar*, de Gustavo Duarte, da coleção MSP.

Todo lançamento de uma *Graphic Novel* MSP mexe comigo de uma forma distinta. Afinal, as abordagens dos autores convidados são sempre diferentes, e eles estão escrevendo e desenhando novos rumos para meus “filhos” – sim, eu encaro meus personagens dessa forma. Já tive história de superação, de aventura, de ficção científica, de humor, de terror, de amizade. Cada uma toca o leitor de uma forma muito particular. E eu sou leitor também. (SOUSA, 2017.)

Em *Arvorada* (2018), é reinventado o personagem da Turma da Mônica sob a visão de um novo ilustrador, logo, tocando o leitor de uma maneira diferente, pelo fato de serem ilustrações e histórias diferentes,

porém com os mesmos personagens de Maurício de Sousa. Ao ipê amarelo florir, vó Dita deseja compartilhar o momento com o neto, então o convida para vê-lo, porém Chico atarefado não pôde ir e promete ir posteriormente apreciar a bela árvore florida. Entretanto, quando o menino Chico conseguiu tempo, todas as flores já haviam caído e sua avó Dita repassou-lhe os ensinamentos que o ipê poderia dar como vivência.

Isso mi faz alembra dos presente qui a vida dá. Cada momento é como uma fror brotando. Eles vão surgindo um atrás do otro. Pode cê num sorriso, num abraço... Inté numa conversa boba na varanda. Mais si a gente num si aquieta pra apreciá...vão simbora, como si nem tivesse existido (2018, p. 24).

As flores do ipê podem ser representadas como momentos de nossa vida, os quais estão acontecendo na narrativa estudada, e que passam, deixando de existir e se não forem aproveitados cada detalhe como se fosse último. Os momentos se vão e não é possível voltar atrás no tempo. Possivelmente por isso o personagem possa ter prometido que nunca mais perderia outra oportunidade e passou a aproveitar todas as oportunidades que a vida lhe dava. Logo quando está se aproximando o momento da nova florada, Chico vai imediatamente chamar sua avó, mas ela estava doente e não conseguiu ver as flores. Nesse momento Chico sente medo de perder sua avó e olha para cima com a seguinte afirmação “*dinovo, não*” (p. 49). Remetendo ao leitor a se lembrar de quando o personagem perdeu sua irmã na história *Uma Estrelinha Chamada Mariana*. Para as pessoas que acompanham as histórias de Chico Bento, Walmir Americo Orlandeli fez uma grande homenagem a um dos clássicos dos estúdios Maurício de Sousa, onde a irmãzinha do caipirinha não resiste a uma doença e vem a óbito ainda bebê. Uma história comovente escrita por Rubens Kiyomura, com desenhos de Sidnei Lozano Slustre e arte-final de Marli Mitsunaga, que aborda a perda de um ente querido de maneira sutil para ser tratado com uma criança.

Na continuação de *Arvorada (ano)* segue uma narrativa com lendas folclóricas na companhia de Curupira, Saci e Cia. Uma aventura que nos leva à reflexão de modo a valorizar cada instante da vida como se fosse único, pois realmente é. Reflexões que em muito engrandece e ensina os jovens, que na vida o hoje é maravilhoso, mas o ontem foi magnífico e o futuro poderá ser promissor. Chico relembra sempre os ensinamentos de sua avó no seu dia a dia e tenta seguir de maneira fiel pela vida afora. A seguir será abordado o preconceito que gera a os atos pejorativos no momento da fala de uma pessoa que mantém o dialeto caipira.

5. Preconceito linguístico

Geralmente, as pessoas costumam serem preconcebidas por diversas formas: como se vestem, pelo seu círculo de amizades, local em que nasceu ou foi criado, seus bens materiais, grau de escolaridade, seu emprego e por muitos motivos, e a língua principalmente é um destes fatores. Os valores sociais costumam ser concebidos em duas formas linguísticas: a língua padrão e a inovadora, onde tais valores atribuídos tornam estereótipos sujeitos a correção social. Sujeitos ocupam determinados lugares sociais no contexto sócio-histórico pelas experiências ideológicas com as quais já vieram e/ou pelas experiências de vivência e, pela linguagem, externizam sentimentos e informações. A língua é uma realidade de sócio historicamente construídas por sujeitos. As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". (TARALLO, 1986, p. 08)

William Labov (1972) destacou a importância do meio social para compreensão da língua falada, pois a variação deveria fazer parte de um sistema, ou seja, não existe "caos" linguístico por conta das variações. A variação linguística acontece por conta das variações da fala que existe dentro de uma língua possibilitando a mudança dos elementos nesta mesma língua. E ocorre pelo fato de a língua estar sujeita a essas mudanças sendo pela região que reside o falante, a idade, o sexo, classe social, o contexto e etc.

A variação linguística está vinculada a linguagem informal, sendo aquilo que está fora da norma padrão e, por conta disto, ocorre o preconceito linguístico, prestigiando algumas falas e estigmatizando pessoas que não dominam formas linguísticas consideradas certas por determinado grupo. Maria Marta Pereira Scherre (2005, p.16) destaca em seu livro *Doa-se Lindos Filhotes de Poodle*, uma matéria que foi publicada em um jornal que realiza a transcrição de mensagens gravadas que levaram a interessantes discussões.

Se eu fosse você eu arrumava *três negão daqueles bem grandão* mesmo...

A construção *três negão daqueles bem grandão*, embora comum no português brasileiro falado, é considerada errada porque, segundo a tradição gramatical da língua portuguesa, todos os elementos flexionáveis de uma construção nominal plural devem portar marcas formais explícitas de plural, por ser o português uma língua que exhibe mecanismos de concordância de número, quer nominal, quer verbal. (SCHERRE, p. 16. 2005)

Logo após essa polêmica, o jornal se manifestou novamente e, entre aspas, foram corrigidos os erros segundo a gramática normativa com todas as marcas formais explícitas. A autora afirma: "Creio que é exata-

mente a crença do certo inerente, o sentimento de superioridade linguística, a leitura de que cada um faz das formas linguísticas com as quais tem contato” (SCHERRE, 2005, p. 17). Segundo a gramática normativa, não estava correto a maneira escrita no jornal, considerado uma das maiores referências por transmitir informações, então os leitores não concordaram e surgiu a polêmica. O jornal defendeu que, cada um utiliza as normas com quais tem contato, não necessariamente a padrão. A gramática busca uma língua homogênea, com regras, afinal para isto foi criada a norma padrão, para facilitar a comunicação entre todos. Se alguma pessoa de outra língua quiser registrar a escrita dentro do Brasil, ela aprenderá a gramática normativa primeiramente. Para um pesquisador sociolinguista a situação de heterogeneidade deve ser compreendida, pois pela fala se fazem considerações sociais e se caracteriza a identidade do sujeito que é construída por variedades. A norma culta designa a forma linguística praticada em situações formais, enquanto a forma abordada neste artigo, o dialeto caipira, é retratado de maneira informal e, normalmente, por pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade.

A norma padrão está associada à língua homogênea, pois neutraliza as variações e acaba se tornando uma língua de referência, pois é a maneira de falar e escrever considerada correta. O ensino das gramáticas nas escolas tem gerado discussões, sabendo que devemos valorizar o que o aluno traz consigo, a língua falada. A língua nada mais é que um fator social, que sofre mudanças a todo o momento, por isso entendemos que a gramática normativa deve ser estudada com toda certeza, mas que também não nos esqueçamos da oralidade que cada um tem antes de conhecer as regras gramaticais. (BAGNO, 2007, p. 202). A obra *Como Falamos Brasileiros*, de Ivonne Leite e Dinah Callou (2002) agrega, dentre outros fatores, a variação linguística dentro do território brasileiro. As autoras citam a apresentação de um atlas linguístico do Brasil e a divisão do falar brasileiro em subníveis, por exemplo, o baiano, o nordestino, o fluminense, entre outros, além de ressaltar características dialetais vindas de regiões diferentes, apontando diversos fatores como faixa etária, sexo, entre outros. Acontece uma confusão ao falar em preconceito linguístico, pois assim como havia mencionado, a variação linguística está ligada a linguagem informal. O que sabemos é que não devemos escrever da mesma maneira que falamos.

Enquanto a crítica da Gramática Tradicional vai pouco a pouco conquistando um lugar nos cursos de letras, sente-se agudamente as faltas de alternativas viáveis: se a Gramática Tradicional é inadequada, o que colocar em seu lugar? (PERINI, 2000, p. 5)

Por conta disto preconceito linguístico acontece, na maioria das vezes, por grupos ditos letrados, que tem a convenção que a fala certa somente é a norma culta e não percebe que a fala é a nossa identidade, que mostra uma herança cultural e histórica.

É tarefa das mais nobres lutar publicamente contra o preconceito linguístico e não deixar que pessoas possam ser menosprezadas pela sua forma de falar. É tarefa das mais nobres lutar por democracia linguística: é preciso dar vez e voz a todas as falas, incluindo-se entre elas as falas que não tem prestígio, erroneamente denominadas de erradas. (SCHERRE, 2005)

No próximo tópico faremos uma sucinta passagem pela história da língua e os metaplasmos

6. Linguística histórica x metaplasmos

A língua é como qualquer outro ser vivo, pois se altera, muda, acrescenta algumas palavras e está em constante transformação, às vezes lenta, mas nunca estática (SILVA, 2016). Dessa maneira, buscamos em Ismael de Lima Coutinho (1976) o processo de metaplasmos, assim sendo, o processo de composição fonética nas palavras ocasionada por acréscimo, remoção ou de deslocamento de sons que dela é composta e o nome dessa alteração é metaplasmo, do grego *μετα* = além + *πλασμός* = formação, transformação, é o estudo das modificações fonéticas dos vocábulos através de sua evolução. Ainda citando o autor, a gramática histórica é a ciência que estuda o desenvolvimento da língua. (p. 13). Conforme Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 142), os metaplasmos se dão de quatro maneiras: por troca, acréscimo, supressão, transposição de fonema ou de acento tônico. Divididos em: 1. metaplasmos por permuta; 2. metaplasmos por aumento; 3. metaplasmos por subtração; 4. metaplasmos por transposição.

Alterações fonéticas consideradas metaplasmos e seus exemplos na variação dialetal caipira:

Por subtração:

1. Aférese: É o desaparecimento de fonema no início do vocábulo. Exemplo: *tá* > *está*.
2. Síncope: Desaparecimento de fonema no interior de vocábulo. Exemplo: *gaido* > *galho*.
3. Apócope: Desaparecimento do fonema no final do vocábulo. Exemplo: *muidé* > *mulher*.
4. Crase: Fusão de duas vogais idênticas em apenas uma. Ocorre sinalefa,

quando se une a vogal final de uma palavra com a vogal de início da outra. Exemplo: *dum* > de um.

Por aumento:

1. Prótese: Surgimento de fonema no início do vocábulo. Exemplo: *sim-bora* > embora.
2. Epêntese: Aparecimento de fonema no meio do vocábulo. Exemplo: *adivogado* > advogado.
3. Epítese ou paragoge: Surgimento de um fonema no fim do vocábulo. Exemplo: *paletór* > paletó.

Por transposição:

1. Metátese: É a transposição de fonema na mesma sílaba. Exemplo: *per-ciso* > preciso.
2. Hipértese: É a transposição de fonema em sílaba diferente. Exemplo: *pobrema* > problema.
3. Sístole: É a transposição do acento tônico para a sílaba anterior. Exemplo: *rubrica* > rúbrica.
4. Diástole: É a transposição do acento tônico para a sílaba posterior. Exemplo: *revórver* > revolver.

Por permuta:

1. Assimilação: É a aproximação ou idêntica de dois fonemas por força de influência que um possui sobre o outro. Exemplo: *imberbe* < *in* + *barba*
2. Dissimilação: É a diversificação pelo fato de existir um outro fonema igual ou semelhante no vocábulo. Exemplo: *sobrancelha* > sombracelha. Por intermédio da língua exteriorizamos os sentimentos, transpassados por nossas ideologias.

A língua é o meio pelo qual o homem expressa suas próprias ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence. Ela é, enfim, um retrato de seu tempo. Cada falante é usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, podemos constatar que a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo, enquanto conjunto das criações do homem que constituem universo humano.⁷¹

Expressamos nossa cultura por meio de nossa língua. A história da língua possui extrema importância para entendermos o motivo de on-

⁷¹ Fragmento atribuído por Ricardo Sérgio a Joaquim Matoso Câmara Jr. (1904-1970). Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3802153>>. Acesso em: 18-01-2019.

de designam nossas palavras consideradas certas e também as consideradas erradas. A linguística histórica é uma área da linguística que esclarece as mudanças no decorrer temporal, já que na língua ocorreu e, ainda ocorrem transformações que refletiram em sua estrutura. Consequentemente, buscamos entender a língua por meio de sua evolução. As mudanças mais comuns na fala são as que se acrescentam fonemas ou as que excluem, porém, o significado permanece o mesmo. Para Ismael de Lima Coutinho (1976) a evolução da língua portuguesa se explica em três fases: pré-histórica que tem início nas origens da língua, proto-histórica e histórica. Sendo, a evolução algo daquele momento, se iniciando primeiramente com ciências da natureza e depois passou para ciências humanas. A língua de hoje não é a mesma de ontem. Por isso, o que consideramos errado hoje perante a gramática tradicional, um dia foi dado como certo. Assim, como pode ocorrer o mesmo futuramente. A seguir observaremos o embasamento teórico utilizado nesta pesquisa.

7. Fundamentação teórica

Na análise da *Graphic Novel, Arvorada* de Walmir Americo Orlandeli (2017) serão utilizados como referência ao dialeto caipira Amadeu Amaral 1920, bem como Maria Marta Pereira Scherre (2005), que assinala a manipulação ideológica resulta as diversas formas de preconceito linguístico, sendo cada vez mais nítido, impondo as pessoas o conceito de certo e errado. Assim como todos os preconceitos, esse é um preconceito que também é ignorado. Acontece uma confusão ao falar em preconceito linguístico, pois a variação linguística está ligada a linguagem informal e as pessoas não entendem que há a linguagem formal e a informal, e que esta não está dentro da gramática normativa. Por isso esse preconceito vem de quem se acha superior à língua, que tem a convicção que a fala certa é somente a norma culta e não percebe que a fala é a nossa identidade, mostrando que somos transpassados historicamente, sociologicamente, porém que gerou diversas discussões quanto ao ensino da gramática. Como afirma Mario Alberto Perini (2000, p. 5), o ensino das gramáticas nas escolas tem causado discussões pelas falhas que a doutrina gramatical vem apresentando, pois essa não está mais representando sua língua. Os estudantes já vão para a escola com o seu dialeto adquirido no contexto em que viveram. A língua nada mais é que um fator social, que sofre mudanças a todo o momento, por isso não deve ter o mesmo tratamento que tinha anos atrás, como se fosse única e imutável, o que, de fato, não é. A obra de Ivonne Leite e Dinah Callou (2002) res-

salta a apresentação de um atlas linguístico do Brasil e a divisão do falar brasileiro, além de ressaltar características dialetais vindas de regiões diferentes e apontando diversos fatores como faixa etária, sexo entre outros. Por exemplo, com a idade existem as gírias, o homem utiliza outra forma de falar diferente da mulher entre outras variações organizadas dentro de um sistema. Para abordar a evolução da língua, no processo dos metaplasmos, conforme referência teórica em Ismael de Lima Coutinho (1976) e José Pereira Silva (2010) uma sucinta passagem na evolução da língua. Para Fernando Tarallo, o objetivo da sociolinguística é organizar o “caos” linguístico, abordando a questão da relação entre a língua e sociedade. De forma sistemática, descreve e analisa a língua falada, para compreensão da língua, em geral, pois existem variações e elas fazem parte de um sistema.

8. Análise

A seguir, explicitaremos a classificação de alguns metaplasmos encontrados na *Graphic Novel, Arvorada*. São palavras nas quais podemos observar na oralidade de pessoas encontradas no século XXI e que, registradas na *Graphic Novel* cristalizadas na escrita, mostram que ocorreram metaplasmos e que também se configuram marcas de oralidade, aproximando, possivelmente, a urbanização às pessoas do campo. A ausência de diferenciação entre singular e plural é uma característica do dialeto caipira. A situação geográfica do Brasil, contato com o índio e outras etnias ajudou na formação da característica do Brasil, transformando na língua falada. (AMARAL p. 13, 1920). A língua portuguesa é uma língua fragmentada em diversos grupos, passando por diversas modificações.



“Isso mi faz alembra dos presente qui a vida dá”.

No vocábulo *alembrá*: Lembrando > *Alembrá*, houve uma prótese, ou seja, um acréscimo do fonema no início do vocábulo, sendo o fonema: “a”.

Nesta mesma palavra ocorreu uma apócope (lembrar > *lembrá*), que é a queda do fonema no fim do vocábulo, no caso, “r”, bastante típico na fala caipira. Houve alteração dos seguintes vocábulos na mesma frase: *Mi* > me – assimilação vocálica “e” por “i” e *Qui* > que – assimilação vocálica “e” por “i”. Outra característica que nos chama a atenção no dialeto caipira é um constante emprego de sujeitos no plural e os adjetivos que os caracterizam, no singular. O vocabulário do dialeto caipira é bem restrito, por conta da simplicidade de vida. A alternância de uso do “você” das variantes é influenciada por fatores linguísticos e sociais e está sendo substituída, no contexto, pela variante “ocê”. Na página 31, no quadrinho o vocábulo analisado é *Você* > ocê, onde houve uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra).



Ei, Chico! Adonde ocê vai?

No linguajar popular podemos encontrar pessoas dizendo “cê” na atualidade. Trata-se da modificação de um vocábulo que já foi usado em séculos passados, em que é perceptível a mudança: vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você > [ocê >] cê. Na página 71, podemos observar na fala: Não! *Ispera!* *Ispera* > Espera que houve o processo de uma assimilação vocálica “e” por “i”. Na página 72: *Oceis precisa i imhora!* Nesse quadrinho existem três tipos de metaplasmos: *Oceis* < Vocês, uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra) “vo” por “o” e a epêntese di “i”, a assimilação vocálica “e” por “i”; *precisa* > precisa que houve uma metátese (troca de posição de fonema no interior da sílaba) etc. Podemos observar que os metaplasmos encontrados no dialeto caipira, especificadamente na *Graphic Novel* “*Arvorada*”, que são vocábulos

que sofreram processo de mudança através do tempo, porém esses mesmos processos ocorrem em diversas palavras que um dia foram dadas como erradas, que consideramos certas nos tempos atuais e vice-versa.

9. Considerações finais

Esta pesquisa sobre variação linguística pretendeu entender o preconceito linguístico nas variações dialetais, em especial ao dialeto caipira representado pelo personagem Chico Bento, um personagem estigmatizado por conta de sua fala, considerada engraçada e errada pelos ditos letrados. Muitas pessoas até mudam sua maneira de falar para serem aceitos em determinado grupo de classe social ou escolarização. Para atingir uma compreensão dessa realidade, foi feita uma passagem pela evolução da língua através dos metaplasmos, podendo observar que a língua é viva e vocábulos são emprestados ou esquecidos. A mutação é constante. Portanto, parte de dos vocábulos explicitados, atualmente, são considerados erro perante a gramática normativa, mas que, em um passado recente, possivelmente, tenha sido considerada escrita de prestígio, porém hoje não é mais utilizado, por isso o que consideramos certo hoje e muitas poderá ser considerado erro no futuro. A língua materna é a nossa identidade e a sua valorização é importante, pois contribui com descaracterizar o preconceito e a discriminação existente em diversos falares de forma que as pessoas possam se expressar sem serem julgadas como erradas por pessoas que têm a convicção de que a fala certa é somente a da norma culta. Não percebe que a fala é a nossa identidade, que mostra uma herança cultural e histórica. As palavras mudam, se emprestam, são esquecidas pela comunidade falante e não é por isso que algumas palavras são melhores do que as outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARTHES, Roland. *Prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1976.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ORLANDELI, Waldir Americo. *Chico Bento*: Arvorada. São Paulo: Abril, 2017.
- PERINI, Mario Alberto. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PERSONAGENS – Turma do Chico Bento. In: *Portal Turma da Mônica*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/turma-do-chico-bento/5218>>. Acesso em: 18-01-2019.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autor, 2010.
- SILVA, Marly Custódio. Metaplasmo em Pavor Espaciar. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/completo/Metaplasmos%20em%20pavor%20espaciar%20-%20MARLY.pdf>. Acesso em: 18-01-2019.
- SOUSA, Maurício de. O Véio Chico. *Turma da Mônica*. Crônicas. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/crônicas/o-veio-chico/>>. Acesso em: 20-11-2018.
- SOUSA, Maurício de. *Turma da Mônica*. Crônicas. Disponível em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 20-11-2018.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.